

Distopia (p) Referencial -

Ficção é a Realidade que se inventa, Realidade é a Ficção que se obtém

Rafael Teixeira de Resende¹

O Trabalho se desencadeia a partir da frase concebida pelo artista a fim de ilustrar o conceito que permeia todo o processo criativo da obra: *Ficção é a Realidade que se inventa, Realidade é a Ficção que se obtém*. É, portanto, um ensaio de fotografias abstratas as quais promovem uma interação com as múltiplas maneiras de interpretação da realidade na medida que apresentam um alternativo universo visual. O mesmo resulta de uma pesquisa sobre abstração com base no processo fotográfico de Rafael Resende e experimentações poéticas acerca da Semiótica, o poema XL da obra *O Guardador de Rebanhos* de Alberto Caeiro e referencias ao Mito da Caverna de Platão, pois, segundo RAHDE (2006):

O contemporâneo que estamos vivenciando, ao contrário de momentos anteriores, vem aceitando as mais diversas mudanças, nada negando, mas questionando e agregando em si variados estilos imagísticos, compondo-se, assim, de muitos fractais, de hibridações de variadas técnicas gráfico/plásticas. Isso revela uma nova forma de comunicação iconográfica, perpassada por imaginários culturais de uma sociedade em mutação o que, por suposto, vem modificando significados sociais e culturais.

Assim, apropriar-se de diversas linguagens discursivas neste trabalho é dialogar com a tendência das transformações culturais e artísticas advindas com a pós-modernidade onde o que importa não são mais as verdades absolutas, mas a diversidade dos fenômenos do mundo sensível (CIRILLO).

O título faz alusão ao termo Ilusão Referencial o qual se é empregado quando uma representação visual destina-se a produzir o mesmo efeito de realidade se configurando como uma iconização, utilizando o uso exaustivo ou intenso da figuratividade. No caso

¹ Graduando em Artes Visuais na Universidade Federal do Espírito Santo, possui graduação em Fotografia pela Universidade Vila Velha (2010). Atua no grupo de pesquisa LEENA sob orientação do prof. Dr. Aparecido José Cirillo na linha Arte Pública e intervenções Urbanas.

das imagens do projeto há uma inversão de tais valores, as desfragmentando e tornando-as desprovidas de estabelecer efeitos de sentido com os respectivos objetos, criando uma distopia como referência e/ou preferência.

Como ilustra RAMALDES (2010, p. 5):

Vivemos imersos em um mundo no qual a comunicação entre homens vem sendo intencionalmente marcada pelo predomínio da visualidade. A presença de estímulos visuais é tão intensa que praticamente todas as nossas relações com a realidade são intermediadas por algum tipo de imagem [...] Não importa a que propósito se destine qualquer manifestação visual [...] sabemos claramente que estamos diante de objetos produzidos pelo homem como atos de linguagem.

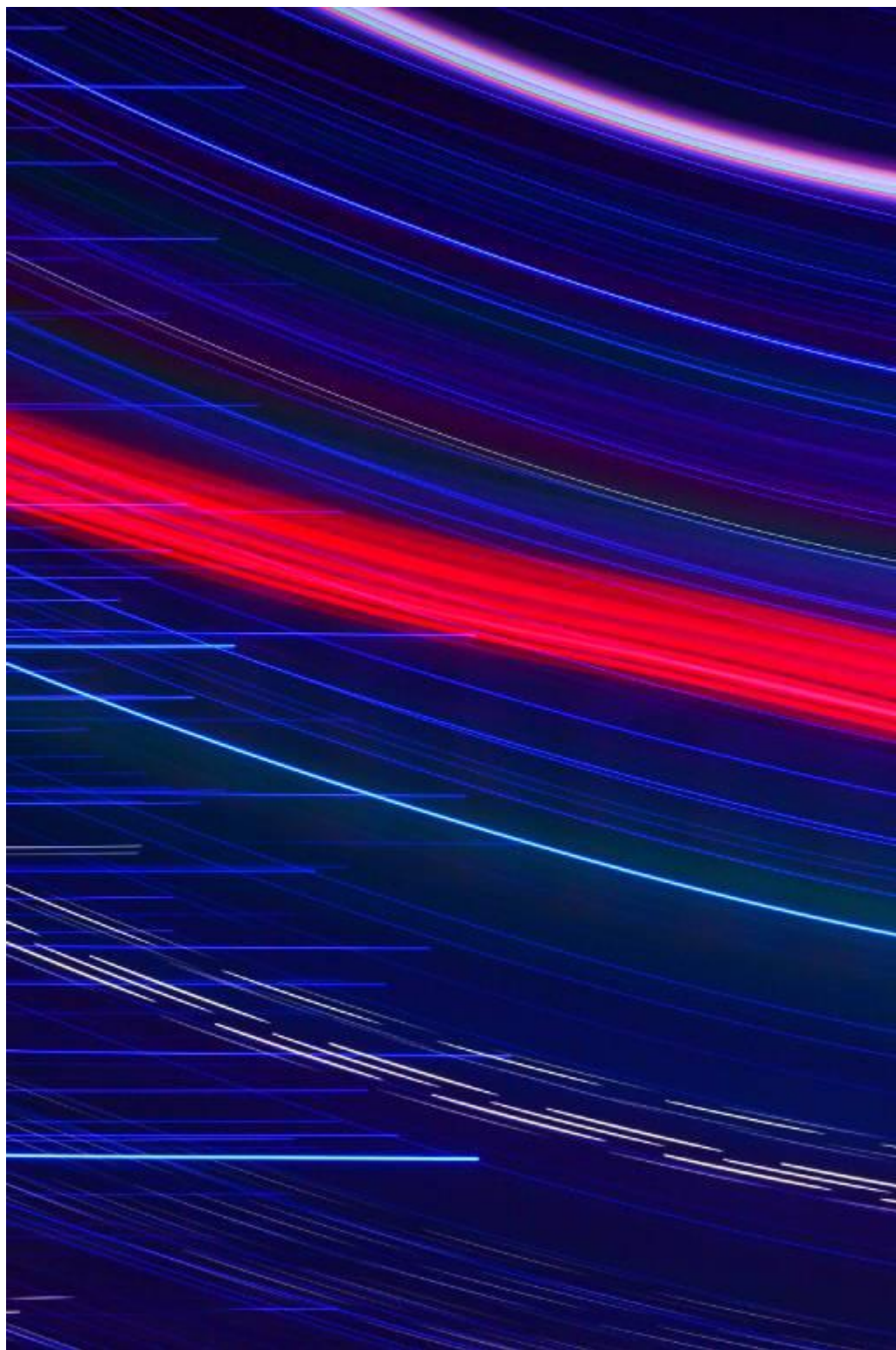
O meio visual é hoje um dos tipos de comunicação mais utilizados e diariamente somos bombardeados por imagens de todos os tipos, estilos e tamanhos. Rotina a qual acaba por banalizar toda essa informação de modo que tomamos isso como parte de nós mesmos, cada um a sua maneira partindo da interpretação dos sentidos e do seu referencial sociocultural. Tal fato torna contemporâneo Platão e sua filosofia do Mito da Caverna, em sua obra ele discursa acerca do *mundo sensível*, um mundo em que baseamos o conceito de realidade a partir de nossos sentidos humanos, entretanto as imagens que vemos são meras representações do real e não chegam a ser aquilo que significam.

Nossa existência consiste em perceber e processar as informações que provém dos signos, ao mesmo tempo somos e os produzimos a todo momento. A semiótica é a ciência que estuda os signos e as linguagens humanas perante diversos pontos de vista, e, é partindo dela que o trabalho se gera por um viés poético e conceitual já que brinca com os conceitos prédefinidos que temos - de forma automática e inconsciente - acerca da realidade. Esse diálogo se dá em uma subversão da lógica em quanto abstração imagética, portanto descontextualiza na fotografia os representados de seus representantes, a fim de alcançar dar novos valores, caracterizações e fatos a elas, mostrando que nada é de fato concreto e que consciência é um conceito fluido. Da

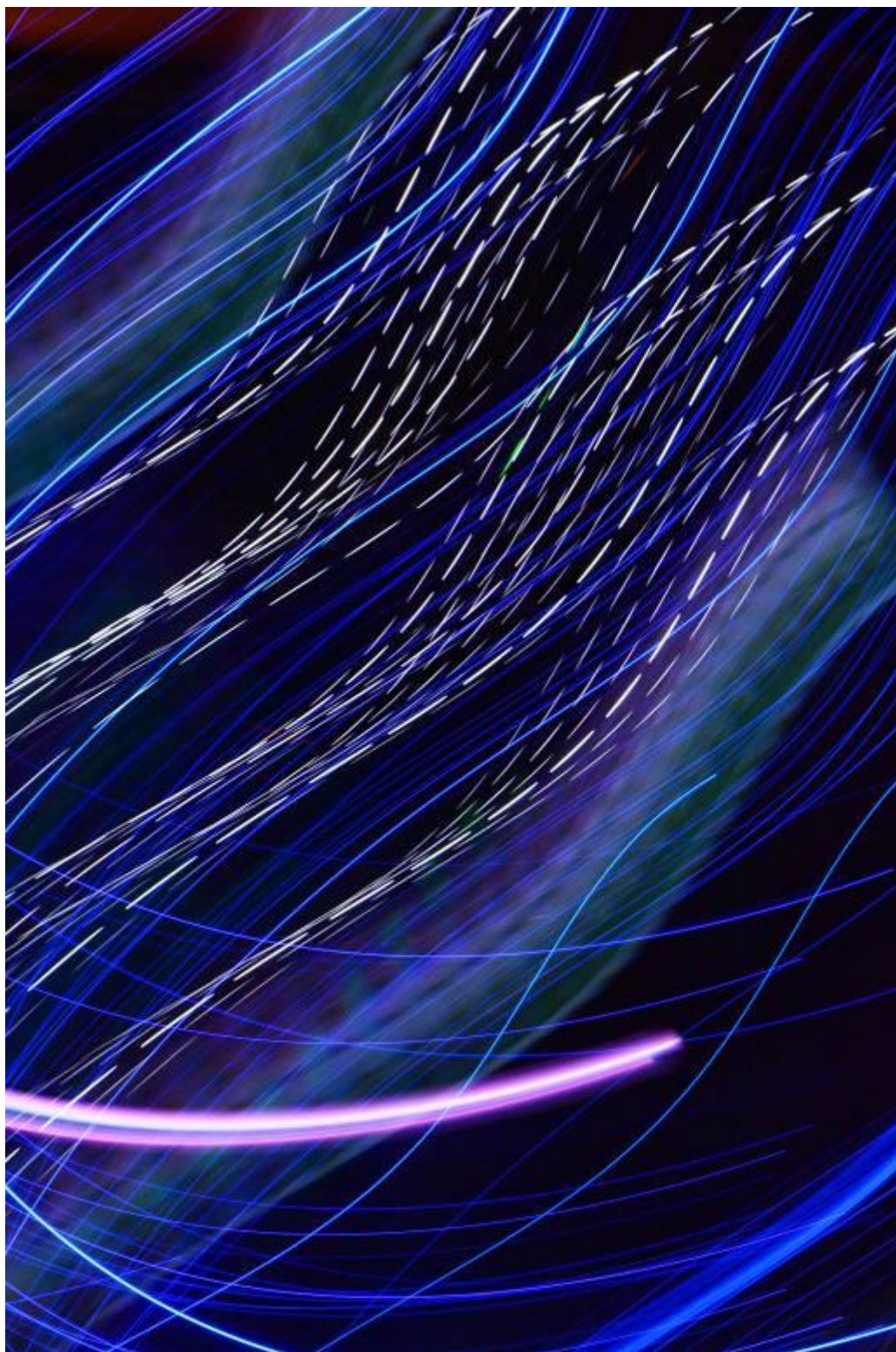
mesma maneira que Alberto Caeiro - heterônimo de Fernando Pessoa - se expressa no poema XL quando aborda a idéia de que as coisas são elas mesmas e não exatamente o que queremos ou aprendemos que sejam:

*Passa uma borboleta por diante de mim
E pela primeira vez no universo eu reparo
Que as borboletas não têm perfume nem cor.
A cor é que tem cor nas asas da borboleta,
No movimento da borboleta o movimento é que se move,
O perfume é que tem perfume no perfume da flor.
A borboleta é apenas borboleta
E a flor é apenas flor.*

A abstração é a forma mais concreta para se entender que a interpretação dos sentidos é "enganadora" e, por isso, para se ter a percepção de outras formas de compreensão é preciso extrapolar os referenciais que temos como padrões. Mesmo assim temos que ter a consciência de que não há forma de escapar da "gaiola" dos sentidos humanos, mas que expandir o campo sensorial é aumentar o modo contemplador. Para PIGNATARI (2004, p. 20) "[...] A Semiótica acaba de uma vez por todas com a idéia de que as coisas só adquirem significado quando traduzidas sob forma de palavras." Logo a apropriação desta como ferramenta conceitual estética é de fundamental importância pois legitima a desconstrução aplicada nas fotografias - enquanto representação abstrata - quando utiliza um signo e o representa de uma forma não habitual ou não esperada.



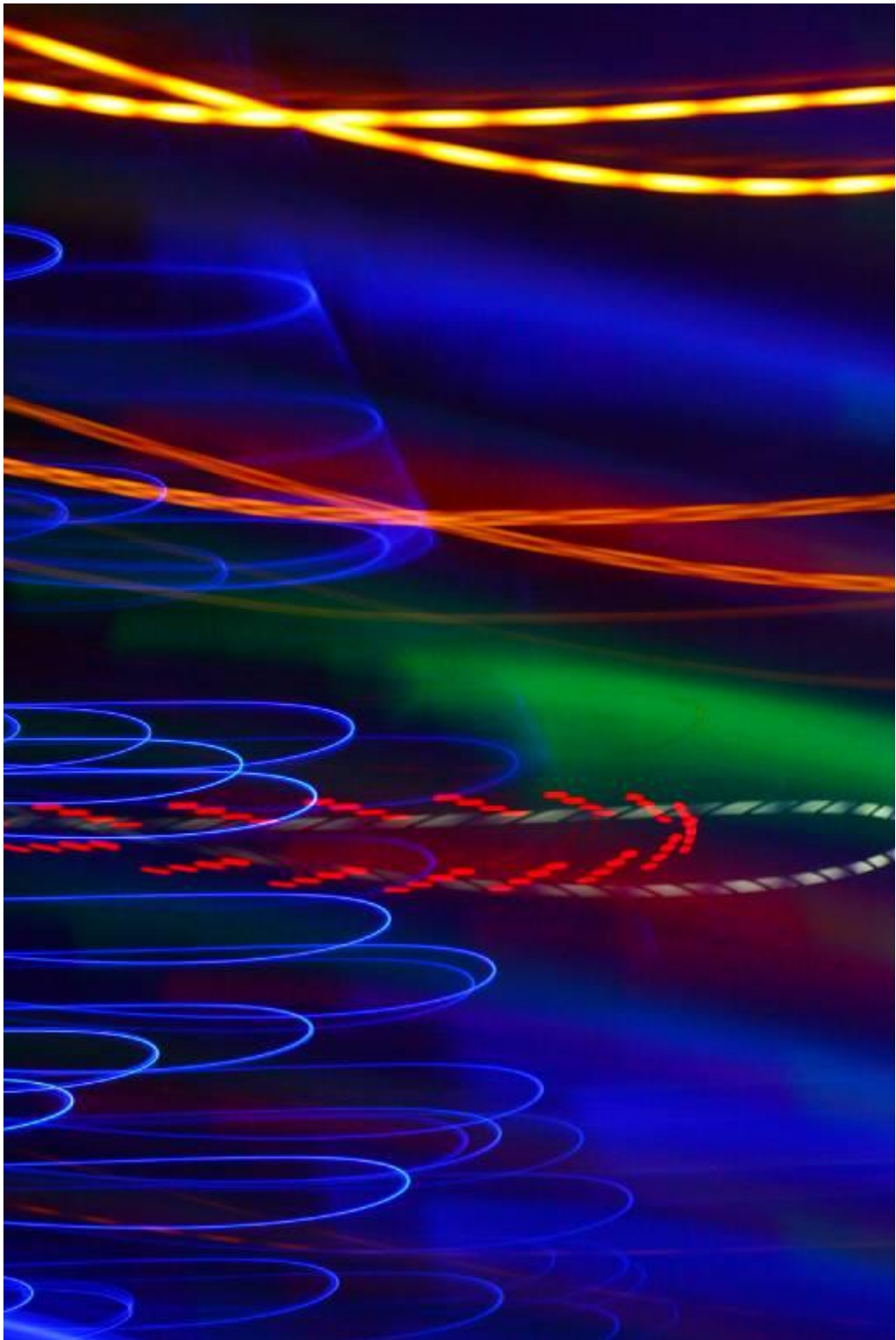
Distopia, série: Distopia (p) Referencial, 2012.



Distopia, série: Distopia (p) Referencial, 2012.



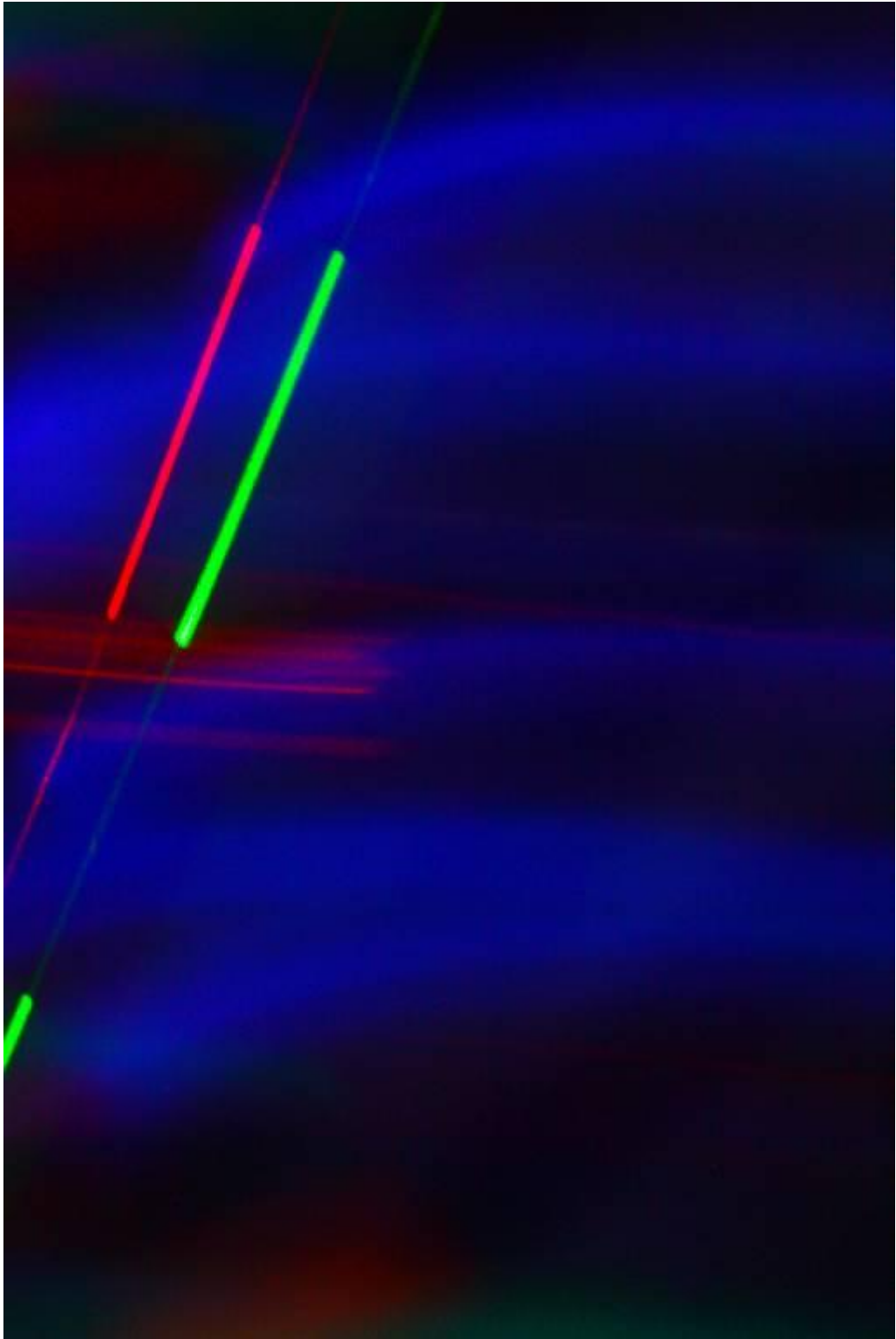
Distopia, série: Distopia (p) Referencial, 2012.



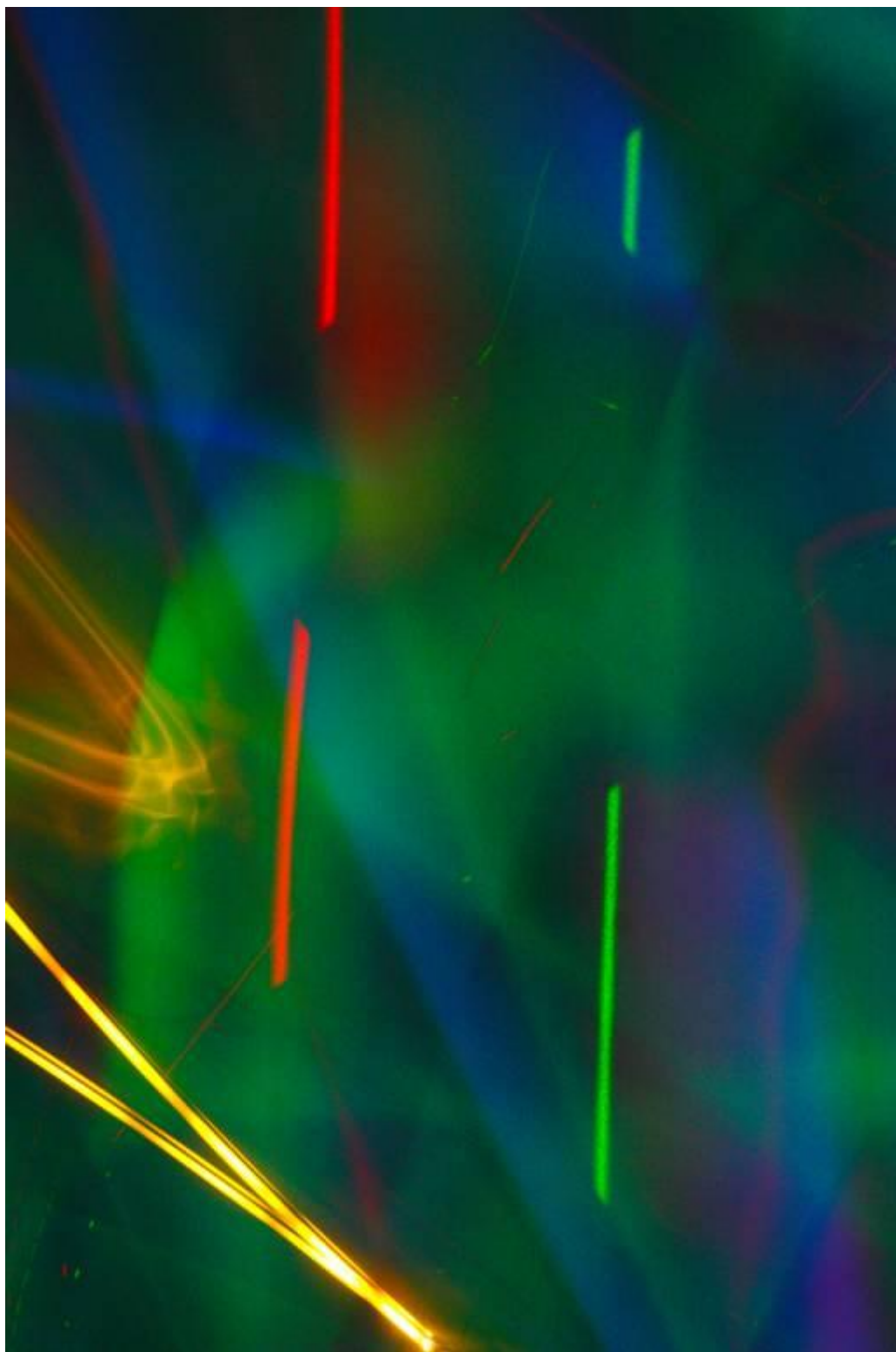
Distopia, série: Distopia (p) Referencial, 2012.



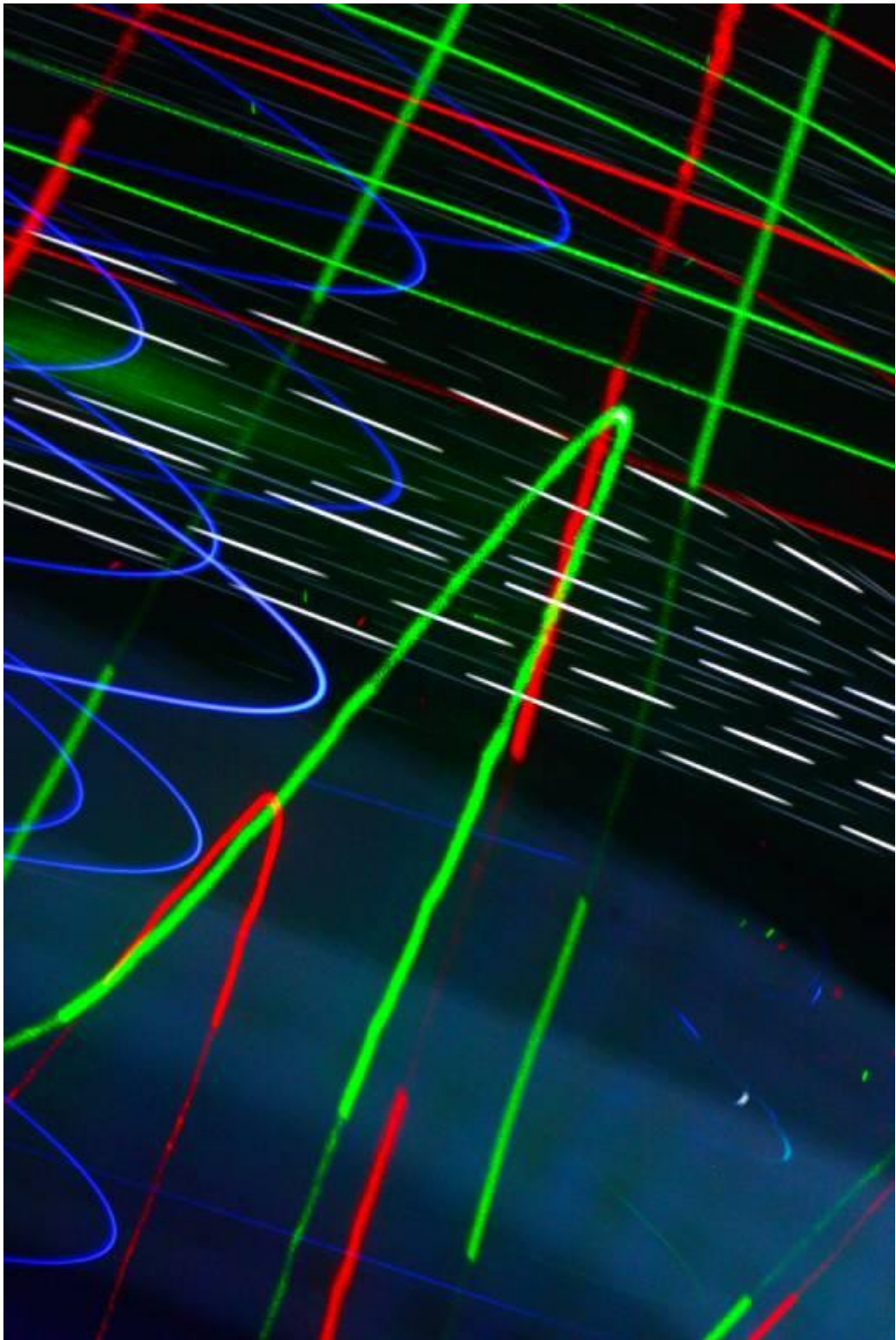
Distopia, série: Distopia (p) Referencial, 2012.



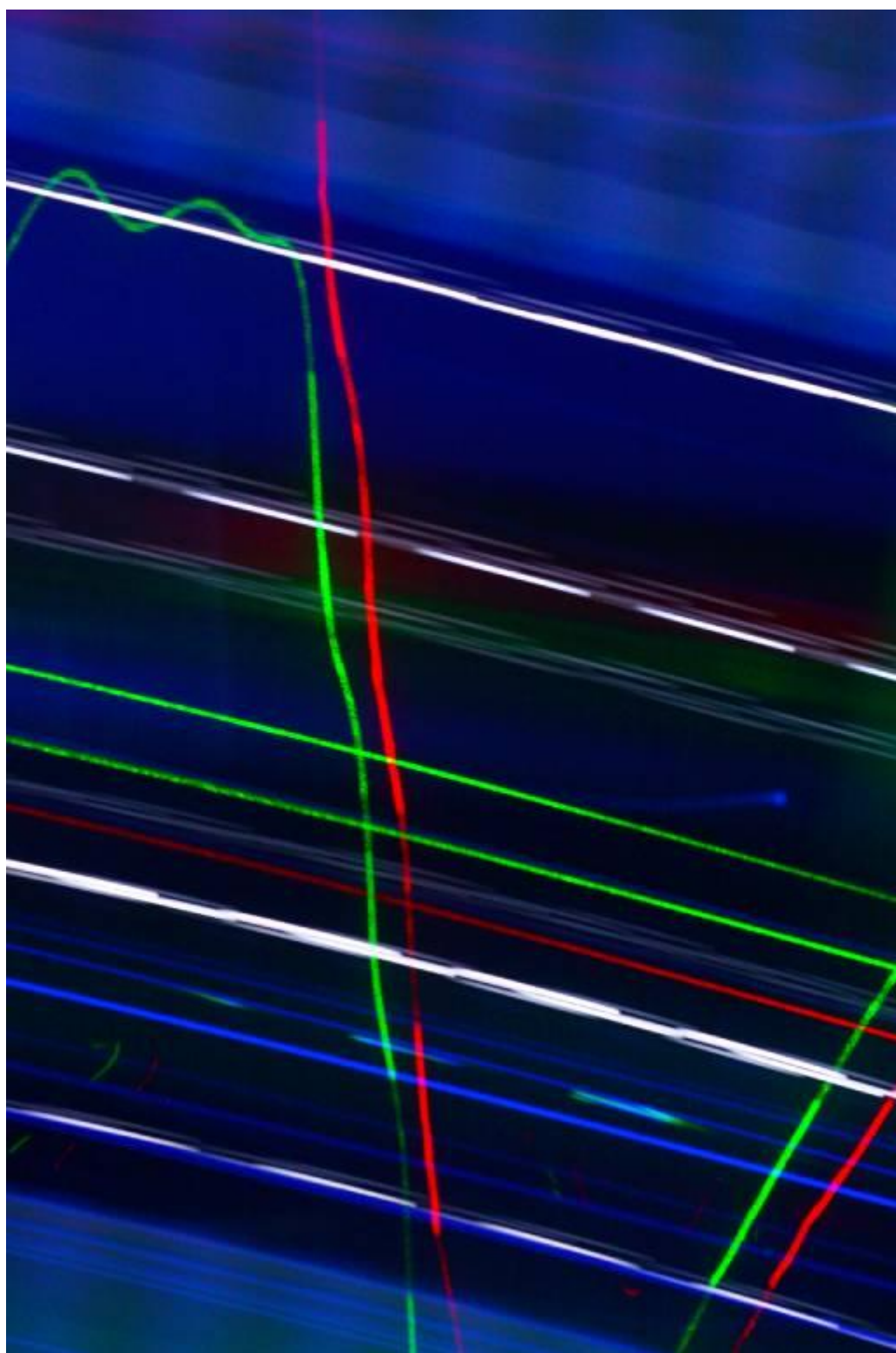
Distopia, série: Distopia (p) Referencial, 2012.



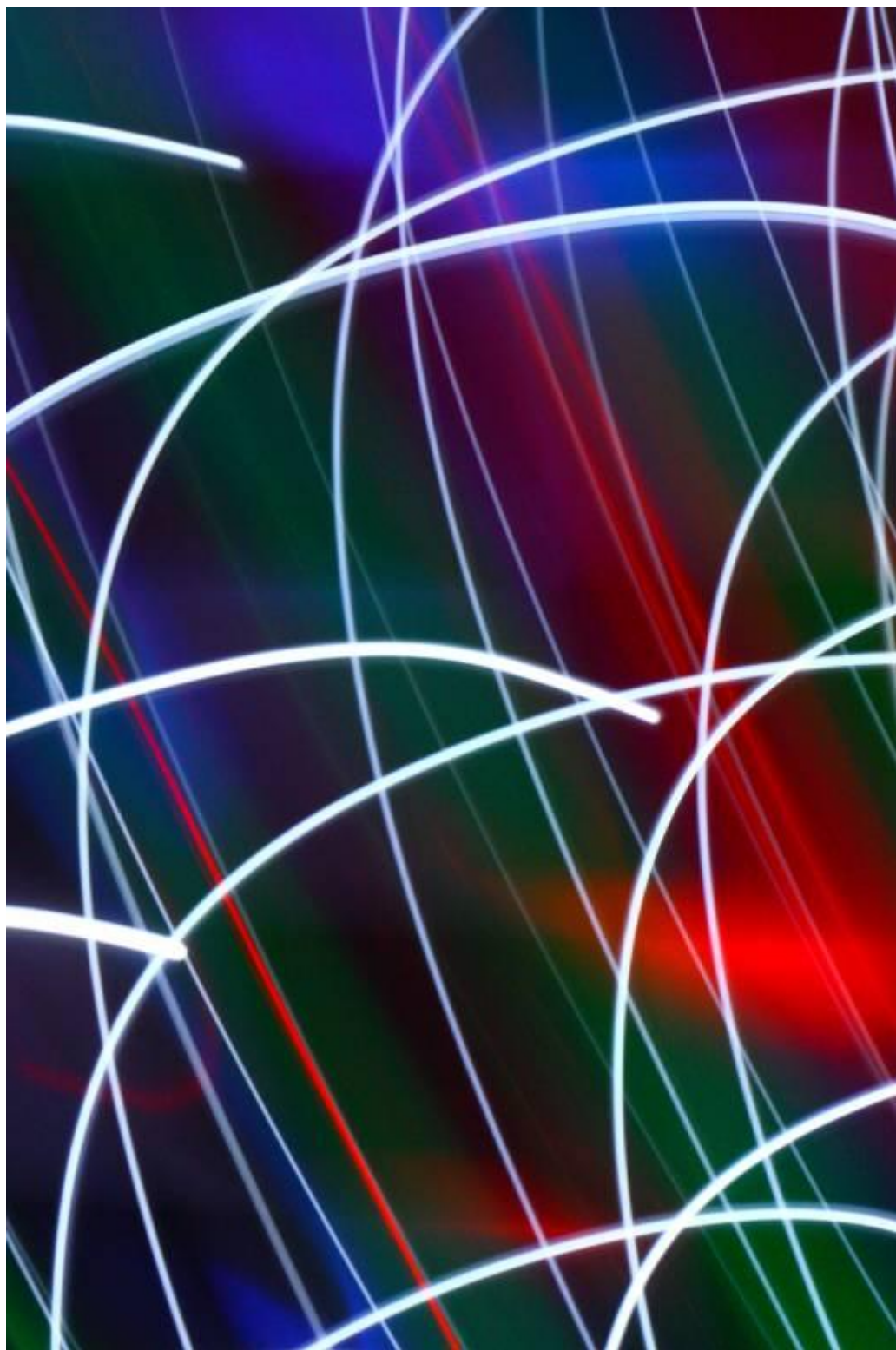
Distopia, série: Distopia (p) Referencial, 2012.



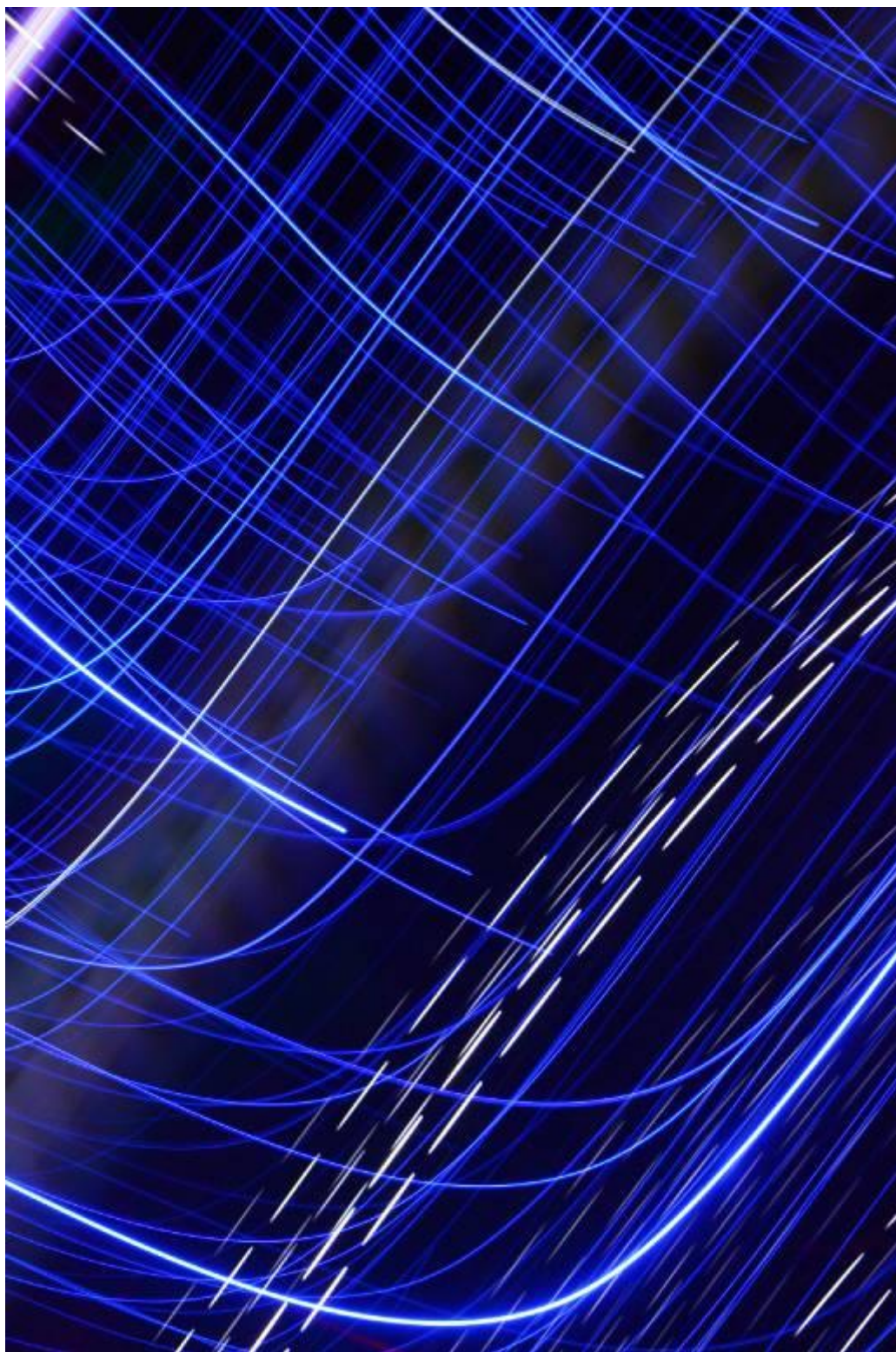
Distopia, série: Distopia (p) Referencial, 2012.



Distopia, série: Distopia (p) Referencial, 2012.



Distopia, série: Distopia (p) Referencial, 2012.



Distopia, série: Distopia (p) Referencial, 2012.

Referências

- RAHDE, M. B. F. Comunicação visual e imaginários culturais do contemporâneo. Compós. 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/62/62>>. Acesso em: 03/09/2013.
- RAMALDES, Maria Dalva. Sintaxe visual: aplicações semióticas. Issu. 2010. Disponível em: <http://issuu.com/catastrophize/docs/apostila_nead_03>. Acesso em: 06/09/2013.
- CIRILLO, A. J., ELOY, C. C. América 500 anos de devastação e saque: do anti-monumento à arte pública In: XVII Encontro da ANPAP, 2009, Salvador. Anais da XVII Encontro Nacional da ANPAP. Salvador; ANPAP, 2009. p. 1456-1470
- PIGNATARI, Décio. Semiótica & Literatura. 6ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- PESSOA, Fernando. 1888-1935. Poesia Alberto Caeiro. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.